A watercolor illustration of a yellow tram on a cobblestone street. The tram is the central focus, with a white roof and purple-tinted windows. To the left, there are green trees with dark outlines. In the background, there are buildings with windows and balconies. The overall style is sketchy and artistic.

# SONS, IMAGENS E SAUDADES

poemas infantis  
de Fernando Pessoa



# Saudades

Saudades, só portugueses  
Conseguem senti-las bem,  
Porque têm essa palavra  
Para dizer que as têm.



# Havia um menino

Havia um menino  
que tinha um chapéu  
para pôr na cabeça  
por causa do sol.

Em vez de um gatinho  
tinha um caracol.  
Tinha o caracol  
dentro de um chapéu.  
Fazia-lhe cócegas  
no alto da cabeça.

Por isso ele andava  
depressa, depressa  
pra ver se chegava  
a casa e tirava  
o tal caracol  
de dentro do chapéu.

Mas era, afinal,  
impossível tal,  
nem fazia mal  
nem vê-lo, nem tê-lo  
porque o caracol  
era do cabelo.



# Levava um jarrinho

Levava eu um jarrinho  
Para ir buscar vinho  
Levava um tostão  
Para comprar pão;  
E levava uma fita  
Para ir bonita.

Correu atrás  
De mim um rapaz:  
Foi o jarro pro chão,  
Perdi o tostão,  
Rasgou-se-me a fita...  
Vejam que desdita!

Se eu não levasse um jarrinho,  
Nem fosse buscar vinho,  
Nem trouxesse uma fita  
Para ir bonita,  
Nem corresse atrás  
De mim um rapaz  
Para ver o que eu fazia,  
Nada disto acontecia.





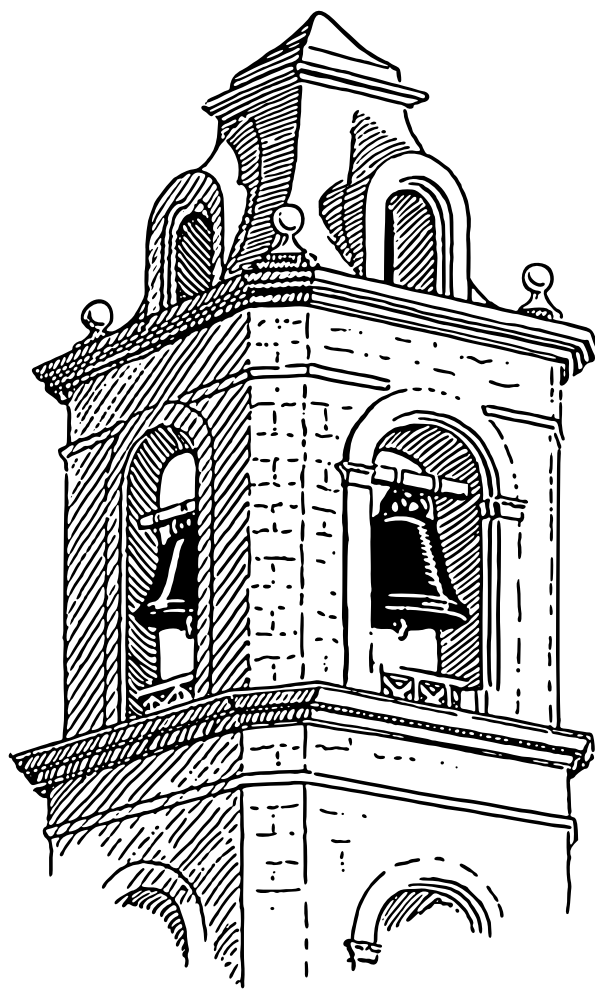
# Ó sino da minha aldeia

Ó sino da minha aldeia  
dolente na tarde calma,  
cada tua badalada  
soa dentro da minha alma...

E é tão lento o teu soar,  
tão como triste da vida,  
que já a primeira pancada  
tem o som de repetida.

Por mais que me tanjas perto,  
quando passo, sempre errante,  
és para mim como um sonho,  
soas-me na alma distante.

A cada pancada tua,  
vibrante no céu aberto,  
sinto o passado mais longe,  
sinto a saudade mais perto...



## Do seu longínquo reino cor-de-rosa

Do seu longínquo reino cor-de-rosa,  
Voando pela noite silenciosa,  
A fada das crianças vem, luzindo.  
Papoulas a coroam, e, cobrindo  
Seu corpo todo, a tornam misteriosa.

À criança que dorme chega leve,  
E, pondo-lhe na fronte a mão de neve,  
Os seus cabelos de ouro acaricia —  
E sonhos lindos, como ninguém teve,  
A sentir a criança principia.

E todos os brinquedos se transformam  
Em coisas vivas, e um cortejo formam:  
Cavalos e soldados e bonecas,  
Ursos e pretos, que vêm, vão e tornam,  
E palhaços que tocam em rabecas...

E há figuras pequenas e engraçadas  
Que brincam e dão saltos e passadas...  
Mas vem o dia, e, leve e graciosa,  
Pé ante pé, volta a melhor das fadas  
Ao seu longínquo reino cor-de-rosa.





# Poema pial

Toda a gente que tem as mãos frias  
Deve metê-las dentro das pias.



Pia número UM,  
Para quem mexe as orelhas em jejum.

Pia número DOIS,  
Para quem bebe bifés de bois.

Pia número TRÊS,  
Para quem espirra só meia vez.



Pia número QUATRO,  
Para quem manda as vendas ao teatro.



Pia número CINCO,  
Para quem come a chave do trinco.

Pia número SEIS,  
Para quem se penteia com bolos-reis.

Pia número SETE,  
Para quem canta até que o telhado se derrete.

Pia número OITO,  
Para quem parte nozes quando é afoito.



Pia número NOVE,  
Para quem se parece com uma couve.



Pia número DEZ,  
Para quem cola selos nas unhas dos pés.

E, como as mãos já não estão frias,  
Tampa nas pias!

## No comboio descendente

No comboio descendente  
Vinha tudo à gargalhada,  
Uns por verem rir os outros  
E os outros sem ser por nada —  
No comboio descendente  
De Queluz à Cruz Quebrada...

No comboio descendente  
Vinham todos à janela,  
Uns calados para os outros  
E os outros a dar-lhes trela —  
No comboio descendente  
Da Cruz Quebrada a Palmela...

No comboio descendente  
Mas que grande reinação!  
Uns dormindo, outros com sono,  
E os outros nem sim nem não —  
No comboio descendente  
De Palmela a Portimão...





## No fim da chuva e do vento

No fim da chuva e do vento  
Voltou ao céu que voltou  
A lua; e o luar cinzento  
De novo, branco, azulou.

Pela imensa constelação  
Do céu dobrado e profundo,  
Os meus pensamentos vão  
Buscando sentir o mundo.



# O carro de pau

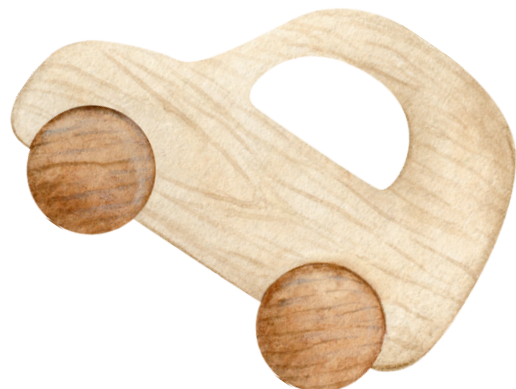
O carro de pau  
Que bebé deixou...  
Bebé já morreu  
O carro ficou...

O carro de pau  
Tombado de lado...  
Depois do enterro  
Foi ali achado...

Guardaram o carro  
Guardaram bebé.  
A vida e os brinquedos  
Cada um é o que é.

Está o carro guardado.  
Bebé vai esquecendo.  
A vida é p'ra quem  
Continua vivendo...

E o carro de pau  
É um carro que está  
Guardado num sótão  
Onde nada há...





# Quando as crianças brincam

Quando as crianças brincam  
E eu as ouço brincar,  
Qualquer coisa em minha alma  
Começa a se alegrar.

E toda aquela infância  
Que não tive me vem,  
Numa onda de alegria  
Que não foi de ninguém.

Se quem fui é enigma,  
E quem serei visão,  
Quem sou ao menos sinto  
Isto no meu coração.



---

# Fernando Pessoa

Fernando Pessoa nasceu em Lisboa em 1888 e faleceu na mesma cidade, no ano de 1935.

É o escritor português de maior renome internacional e é considerado por muitos como o maior escritor da história da língua portuguesa.

Embora sua vida tenha sido curta, é autor de uma obra relativamente extensa.

Além de escritor, Fernando Pessoa foi também filósofo, tradutor, publicitário, empresário, correspondente comercial e comentarista político.

Contudo, a sua atividade principal foi a escrita. Foi mediante a sua escrita que o poeta nos legou uma das obras mais inquietantes e mais importantes da literatura moderna.

